

Compreendo os espaços não apenas como planos verticais, horizontais e diagonais sobrepostos e uma organização imaginada. São também isso, mas os compreendo como construções acumuladas de memórias, de projeções sonhadas e de inspirações, coloridas por nosso imaginário. A praça em questão, é tudo isso e muito mais. Estou falando de um espaço que tem mais de cento e cinquenta anos de existência em sua configuração atual, e quando nos defrontamos com espaços assim, é difícil não lhe conceder o peso que de fato têm. A sensação em mim causada, é que, de fato o espaço já traz uma outra aparência, uma atmosfera. Talvez seja para mim o que Walter Benjamin chamou de aura, alguma coisa que aquele lugar carrega que intrinsecamente diz mais do que o imediatamente visível. Um som silencioso que parece nos dizer muito. Como se aquele lugar já tivesse presenciado tudo, em todas as formas e configurações e qualquer coisa que eu imagine para ali, já tenha sido imaginado por outro como eu.

Seus jardins românticos, seu coreto e sua fonte estiveram ali centralmente posicionados, tempo o suficiente para se acostumarem ao belo entorno de casas coloridas, coloridas por azulejos manualmente concebidos. A burguesia já não as habita, hoje se apresentam de maneira menos esplendorosa do que imagino ter sido, em formato de hostels e guest houses. Naquele espaço o português, já não é unânime, e os senhores a jogar dominó e a sueca, já não parecem assim tão genuínos, sinto-os como um adorno. Parecerem uma contribuição de equilíbrio entre o real e o imaginado por mim para a tela que mentalmente pinto ao olhar determinados ângulos do espaço.

É difícil ignorar essas informações quando começo a analisar as minhas construções estéticas construídas naquele espaço. O novo sobrepõe o velho, ambos coexistem, mas há o choque. Existe uma nobreza implícita naquele espaço a Igreja e o palacete que estão praticamente um frente ao outro não negam isso e ambos parecem não dialogar com o restaurante decadente localizado defronte à praça, aquilo não condiz com o restante, ao primeiro olhar fica claro, aquilo não deveria estar ali, mas a cidade contemporânea é mais do que o sentido lógico, é a organização orgânica. De forma que ambos dividem a mesma praça e os mesmos olhos e corpos.

Os espaços da cidade atual transitam pelo decadente e de alguma maneira trazem um ar inusitado e original. Acho que é o inusitado, o que talvez aproxime alguns espaços verdadeiramente belos do real, eu gosto desse contraste. Me agrada saber que ali existem pessoas diferentes de mim e da bagagem que carrego, me agrada saber que ali existem pessoas que estabelecem uma relação com o espaço completamente diferente da que eu sou capaz de estabelecer. Relações que acontecem de maneira mais fluida, mais espontânea. Entretanto, esse é um outro assunto, não quero me afastar do que vim aqui lhe falar, a minha percepção estética esse espaço.

Antes de escrever-lhe sobre o que eu vejo ali, propus uma conversa sobre a praça com duas pessoas distintas: uma delas, alguém que sempre conviveu com o espaço e a outra, alguém que havia conhecido a praça há poucos dias e fiquei bastante impressionada, pois ingenuamente tinha a ideia que unanimemente aquele seria um espaço considerado belo e aprazível, mesmo com a leve decadência. Para minha surpresa a pessoa que já conhecia o espaço e convivia corriqueiramente com aquilo, não via prazer em a olhar e muito menos em estar ali, não era capaz de rapidamente fazer uma leitura do espaço onde encontrasse beleza, pela razão que fosse. Enquanto a pessoa que conhecia há poucos dias, a achava incrivelmente bonita. Via beleza na composição das árvores desfolhadas pelo tempo frio com o fundo do céu azul de inverno e até mesmo na enorme concentração de pessoas nas mesas de jogos ou nos bancos espalhados.

Me ocorreu o elemento surpresa, na capacidade que o novo tem de nos causar impacto e como essa capacidade de ver beleza no ordinário não é de fato uma capacidade espontânea e sim, uma habilidade que precisa ser desenvolvida, pensada e delicadamente formulada. Esse pensamento me levou a refletir o meu tema de pesquisa, que passa muito pelo espontâneo. Como é possível que experiências espontâneas, nasçam em espaços já tão explorados pelos nossos olhos e por nossos corpos? Como uma experiência estética espontânea pode nascer genuinamente de um ato pré-concebido? Pensei também sobre a nossa capacidade de ressignificar espaços, de ressignificar percepções. Será que talvez nossas construções estéticas, sejam todas elas, manipulações

feitas pelo nosso cérebro em absoluta consonância com nosso background? Nada nasce do nada? Do novo? Ainda não sei, talvez não consiga respostas imediatas, apenas mais e mais questionamentos a medida que for avançando na minha pesquisa, mas de fato me interessa mais as reflexões do que as respostas. Interessa mais as experiências do meu corpo no espaço do que as definições conseguidas em palavras.

Sobre isso me ocorre também um pensamento de Guy Debord. Disse ele em a Teoria da Deriva: “Na sua unidade, a deriva abarca, ao mesmo tempo esse deixar-se ir conforme as solicitações do terreno e a sua contradição necessária: o do domínio das variações psicogeográficas através da consciência e do cálculo das suas possibilidades”. É difícil construir todas essas percepções sem trazer essas teorias e significações, algumas palavras são indissociáveis do meu pensamento quando estou em uma tentativa de deriva no ambiente urbano: caminhar, atravessar, saltar, abrir, inventar, compreender, pintar, desenhar, escrever, ler, guiar, perceber, percorrer, construir, destruir, aprender, apreender, seguir, ir e voltar. Elas estão presentes de maneira bastante natural e parecem de alguma maneira guiar essas minhas percepções. Torna-se impossível em um espaço delimitado como o aqui explorado, não as usar para atribuir significado a ele. E a medida que percorro os caminhos da praça, entre pedriscos e areia batida, contornando os jardins, ora em retas, ora em curvas percebo que não são apenas os meus olhos que enxergam, meus pés e meu corpo como um todo criam uma relação com aquele espaço, uma relação que nasce no meu olhar, mas que expande-se, percebo então que estou concebendo um desenho com meu rastro. Um desenho visivelmente criado pelas marcas na areia pisada e um desenho imaginado e sentido, uma espécie de vivência de corpo e consciência. Nesse momento identifico no meu corpo a capacidade de enxergar, com a minha experiência física, e assim claramente experencio o pensamento de Robert Smithson: “O caminhar condiciona a vista e a vista condiciona o caminhar a tal ponto que parece que apenas os pés podem ver”. Ao fim da minha análise experimental chego a algumas conclusões, ainda rasas, mas que me gerarão as próximas reflexões:

A experiência de observação estética tende a ser uma vivência conseguida através de estímulos conscientes; A experiência de observação estética embora nasça em campo coletivo, se dá de maneira individual; A medida que os estímulos são reforçados e treinados a experiência tende a ser mais facilmente realizada; A estética da qual falamos, não é apenas a visual. Trata-se de um campo híbrido onde os estímulos acontecem por vários sentidos e é necessária essa consciência; A cidade é um universo aberto a ser explorado, imaginado e integrado

E ao fim de todas essas observações o pensamento de Baudelaire faz-se reforçado:

“É um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto no mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente.” (BAUDELAIRE, 1996:170).

Referências:

- CARERI, Francesco. Walkscapes O Caminhar Como Prática Estética. Gustavo Gilli, São Paulo, 2015.
- CARERI, Francesco. Caminhar e Parar. Gustavo Gilli, São Paulo, 2017.
- COCCIA, Emanuele. O Bem nas Coisas. Documenta, Lisboa, 2017.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2017.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Antígona, Lisboa, 2012.
- KOOLHAAS, Rem. Três textos sobre a cidade. Gustavo Gilli. São Paulo, 2014.